

Instrumentalização de mídias marginais *urbanodigitais* como dispositivos midiáticos antifascistas ¹

Júnia Martins²

Itamar Nobre³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

RESUMO

O presente texto é um recorte de uma pesquisa mais macro, que mapeou mensagens dispostas em grafites e lambe-lambes – registrados nas cinco regiões do território brasileiro e publicados na plataforma Instagram – durante os anos de 2019 a 2022. No trecho da pesquisa aqui apresentado, é feito o delineamento dessas mídias supracitadas como dispositivos midiáticos *urbanodigitais*, com possível funcionalidade de estratégia política antifascista⁴. Trata-se de um estudo com base em pesquisa exploratória, bibliográfica, sob método dialético; fundamentado, especialmente, nos estudos de Agamben (2009), Foucault (2023) e Amadeu e Rovai (2022).

PALAVRAS-CHAVE

Folkcomunicação; Grafite; Lambe-lambe; Urbano; Fascismo.

INTRODUÇÃO

A sensação de pertencer à cidade, estabelecendo-se para além de um corpo que por ela transita, pode se dar por inúmeras formas; acreditamos que uma delas seja por meio da expressão de um sentimento, de uma ideia, de um grito inscrito com tinta em um papel ou parede, registrado num grafite ou lambe-lambe, por exemplo. São expressões, inclusive, que nem sempre intuem dialogismo, todavia, comunicam algo, ao

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Folkcomunicação, Mídias e Interculturalidades, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Docente do curso de Rádio, Tv e Internet da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); doutoranda em Estudos da Mídia (PPgEM) na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Diretora Regional Nordeste da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom).

³ Docente do Departamento de Comunicação (Decom) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e do PPgEM, na mesma instituição. Doutor em Ciências Sociais pela UFRN e pós-doutor pelo Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra-Portugal. Líder do Grupo de Pesquisa Epistemologias e Práticas Transformadoras em Comunicação, Cultura e Mídias (Ecomsul-UFRN).

⁴ Concepção do fascismo aqui considerada a partir da definição de Umberto Eco (2019). O autor delineou o fascismo não como uma ideologia monolítica, mas, antes, como uma “colagem de diversas ideias políticas e filosóficas, um alveário de contradições” (Eco, 2019, p. 32). Ainda nesse delineamento, Eco apontou algumas características de um Governo fascista, entre elas, “os privilégios concedidos à igreja e uma educação estatal que exaltava a violência e o livre mercado” (Eco, 2019, p. 34). Somadas a essas, o autor também destaca o culto à ditadura, o conservadorismo e o enaltecimento da pátria.

passo que também podem evidenciar dialéticas refletoras dos conflitos latentes, das contradições intangíveis e tangíveis que moldam o espaço urbano enquanto lugar político e da política.

Nesse texto, situamos as mídias marginais *urbanodigitais* (grafites e lambe-lambes) como instrumentos contra-hegemônicos, perpassando o conceito de dispositivo, portanto, compreendendo-os como aparatos que tensionam relações de poder. Damos a eles a alcunha de mídia marginal *urbanodigital*, conformando em tal adjetivação o esboço de uma mídia híbrida, presente fisicamente na urbe e, simultaneamente, no campo virtual (Instagram); com estética, ambientação e discurso preservados sob captura fotográfica, configurando-se, portanto, como uma reprodução (Baudrillard, 1981).

1 MÍDIA MARGINAL SOB O CONCEITO DE DISPOSITIVO

Consideramos as mídias marginais aqui delineadas (grafites e lambe-lambes publicados em perfis do Instagram)⁵ como dispositivos midiáticos pelos quais circulam discursos socioculturais, políticos, artísticos, estéticos etc., em diferentes níveis e linguagens, atingindo públicos heterogêneos e de audiência imprecisa. Ao defini-las, porém, como dispositivos, entramos numa seara epistêmica sobre o termo, bastante explorado pelas Ciências da Comunicação, associado a discursos de poder numa sociedade de constantes transformações sociotécnicas. Tentemos compreender o que é esse dispositivo. A pergunta aparentemente simples não tem resposta plenamente constituída, sendo assim, partimos do sentido mais lexical, citando a definição trazida pelo dicionário:

1. Relativo à disposição. 2. Que determina, que ordena. (sm) 1. Aquilo que contém ordem; norma, preceito, prescrição. 2. Qualquer peça ou mecanismo de um aparelho destinado a um fim específico. 3. Conjunto de ações com planejamento e coordenação implementadas por uma administração. 4. (Jur) Parte de uma lei ou sentença contendo uma decisão. 5. (Mil) Formação de uma unidade de ataque. (Dicionário Michaelis Online, 2021)⁶.

Foucault, mesmo não tendo feito uma delimitação mais aprofundada sobre o conceito, disse numa entrevista concedida em 1977 que “tanto o dito quanto o não dito” são elementos do dispositivo; sendo esse a rede que se estabelece entre os elementos,

⁵ Em nossa pesquisa macro, investigamos o discurso das publicações nos perfis @olheosmuros e @faltarte.

⁶ Disponível em <http://michaelis.uol.com.br>. Acesso em 09 abr. 2025.

sempre com “uma função estratégica dominante” (Foucault, 2023, p. 364-365). Trata-se, conseqüentemente,

de uma certa manipulação das relações de força, de uma intervenção racional e organizada nessas relações de força, seja para desenvolvê-las em determinada direção, seja para bloqueá-las, para estabilizá-las, utilizá-las etc.. O dispositivo, portanto, está inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem mas que igualmente o condicionam. **É isto o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam.** (Foucault, 2023, p. 367, grifo nosso).

Sob essa perspectiva, é importante trazermos as pontuações feitas por Agamben, que sintetizam características essenciais do dispositivo – 1. É um conjunto heterogêneo, linguístico ou não, que inclui elementos como discursos, normas, proposições, instituições etc., e a rede que se forma entre esses elementos é o dispositivo em si mesmo; 2. Tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve numa relação de poder; 3. É resultado de relações de poder e de saber. (Agamben, 2009, p. 29)

Ao pensarmos as mídias marginais *urbanodigitais* como dispositivos, entendemos, portanto, que elas se constituem como um conjunto estratégico de funções. Nesse sentido, o interior e exterior dessas mídias são perpassados por feixes, linhas que formam e refletem tramas de relações de poder, nos permitindo a análise combinatória de diferentes variáveis, passíveis de serem percebidas nos textos expostos por esses dispositivos. Essas variáveis, circunscritas em cenários hierárquicos de concentração de poder, podem ser vislumbradas do ponto de vista social, político, estético, econômico, linguístico, poético etc., e é nesse sentido que procuramos explorar os grafites e lambe-lambes, na assertiva de que, mesmo estando na periferia das discussões gnosiológicas da Comunicação, eles se constituem, cada vez mais, como mídias disruptivas, com discursos que pedem a atenção científica, e que podem, se bem instrumentalizados estrategicamente nas redes, provocar fissuras nos sistemas de poder institucionalizados.

2 ESTRATÉGIAS NAS REDES SOCIAIS PARA COMBATER O FASCISMO

Para provocar fissuras num sistema de poder arquitetado em teias sedimentadas, pressupomos que seja necessário, antes de tudo, organização. Organização para compreender a microfísica dos poderes; para buscar o fio institucional de suas origens; para entender as variáveis, tensões, relações, indivíduos e sistemas que operam em cada trama que resulta na aniquilação e/ou sujeição dos grupos minoritários. No Brasil,

contudo, o mosaico recente constituído pela comunicação algorítmica, fundamentalismo religioso, militarização do Estado, concentrações midiática, financeira e tecnológica, corrobora o alargamento da fronteira entre a tomada de consciência e a tomada de poder por parte dos marginalizados sociais⁷. O estreitamento dessa fronteira, acreditamos, passa essencialmente pelo diálogo e desconstrução das macronarrativas, passa umbilicalmente pela comunicação, pelo poder midiático.

Entendemos, nessa direção, que o domínio do discurso é inerente ao poder midiático. Esse domínio, por sua vez, tem estado intimamente condicionado à quantidade de tempo que cada sujeito ou grupo se dedica à alimentação das mídias; ao alcance, visualizações e compartilhamentos das mensagens textuais e audiovisuais publicadas. Nos últimos anos, porém, temos observado a atuação dos robôs sociais (*social bots*)⁸, de perfis falsos nas redes manipulando diálogos e influenciando opiniões de usuários reais. A atuação dos robôs, com a intenção de prejudicar determinados opositores políticos, inclui, entre outras coisas, a utilização de *fake news*, curtidas e comentários em massa, estímulo a discussões polarizadas e avalanche de seguidores em perfis que favorecem, por exemplo, políticos para os quais os *bots* estão a serviço.

Diante desse cenário, pode parecer utópico pensar em provocar as tais fissuras no sistema de poder institucionalizado que legitima, por exemplo, a necrogovernabilidade. E o cenário pode ficar ainda mais desanimador quando questionamos como organizar coletivos digitais com escassez de tempo, conhecimentos, técnicas, recursos financeiros e tecnológicos. Pensando nessas questões, Renato Rovai e Sérgio Amadeu (2022) publicaram um livro que se mostra como um guia-manifesto para derrotar o fascismo, tendo como ponte a organização coletiva e a constante mobilização em rede. Sob a ótica dos autores, sozinha ou em grupo, qualquer pessoa pode atuar na cadeia produtiva midiática, se afastando da ideia de que é impossível fazer a diferença a partir da sua unicidade.

Antes da revolução digital, os protestos contra governos fascistas pelo mundo, muitas vezes, perpassavam essencialmente a presença física de indivíduos e coletivos organizados nas ruas da cidade em manifestações, ocupações e embates físicos. Ao

⁷ Ao utilizarmos a expressão “marginalizados sociais”, fazemos menção direta à Teoria da Folkcomunicação (Beltrão, 2021), que estuda variados objetos das culturas populares como mídias de indivíduos e grupos socialmente minorizados. A esses indivíduos e grupos, nominamos “marginalizados sociais”.

⁸ Para saber mais sobre atuação dos *social bots* nas eleições, consultar matéria publicada pelo Portal *Politize!* Disponível em: <https://www.politize.com.br/robos-em-eleicoes-naoiaetudo>. Acesso em: 11 abr. 2025.

longo da história, a cidade foi palco de protestos como os liderados por Luther King, em prol dos direitos civis dos negros nos EUA; a greve geral iniciada pelo Movimento Estudantil na França, em maio de 1968; o movimento pelas Diretas Já, em meados da década de 1980, no Brasil, pedindo o fim da ditadura militar. A cidade continua sendo importante como um espaço de ocupação e difusão da luta antifascista e veiculação das mídias marginais, mas não só.

Atualmente, os discursos provenientes de diálogos e leituras diluídas nas veias citadinas não se encerram ali, são retroalimentados, ganham força e radicularização a partir dos compartilhamentos de conteúdos nas plataformas digitais, das desconstruções e reconstruções do que foi dialogado, lido, consumido. Para dominar o discurso e fazer retroceder a política do medo que impera sobre as minorias, é preciso, também, dominar as redes digitais. Esse é um processo que deve ser feito de modo gradual, estratégico e na coletividade, usando táticas de comunicação permanentes e em rede para fazer do espaço da cidade, do país, um lugar de preservação da vida e da dignidade humana, desestabilizando, assim, o Estado de necropoder.

Muitos ativistas, atentos a esse espaço de contrapoder e de eco dos discursos, já aderiram à plataformização dos seus conteúdos. Nesse ínterim, é comum encontrarmos, especialmente no Instagram, perfis que postam não apenas fotografias de mídias marginais dispostas no espaço urbano, mas também publicam lambe-lambes, cartazes, estênceis, grafites digitais. Ou seja, artistas e ativistas têm elaborado mídias com estética marginal, porém digitais, utilizando tipografias, ilustrações e linguagens similares àquelas antes tangíveis, só que agora, essas mídias são disseminadas nos *muros da internet*, um não-lugar em que, tal qual a rua, a mídia pode ser vista por dezenas de pessoas, de distintos públicos e perfis, isentando-se da criminalização e tendo mais perenidade – visto que, diferente do espaço urbano, a mídia marginal *urbanodigital*, na maioria das vezes, só pode ser apagada pelo próprio autor da postagem. Acrescentamos a isso a possibilidade do autor poder impulsionar sua postagem, delimitando um tipo de público específico, com características pré-selecionadas como idade, sexo, região geográfica e *hashtags* afins.

Noutras vezes, tais mídias seguem um caráter híbrido e retroalimentado diferente do tradicional; são publicadas digitalmente, após serem apresentadas em um ou mais lugares da cidade. Observemos que o termo “apresentadas” difere de “fixadas”.

Isso porque temos constatado que as mídias marginais, aliadas às possibilidades tecnológicas, têm se apresentado sob diversas formas no ambiente urbano – projeções nas paredes dos prédios, letreiros gigantes pintados no asfalto das avenidas, cartazes com links. Não podemos falar mais somente de conteúdos pichados, grafitados ou colados quando esses tomam novos gêneros e estéticas, novos desenhos de abrangência, linguagens e impactos.

Acreditamos, assim, que as mídias marginais *urbanodigitais* se enquadrem no desenho de um aparato político, criativo, passível de ser organizado por um único sujeito e/ou por um coletivo que, individualmente ou em rede, pode trazer à tona questões muitas vezes caras aos *mass media*.

CONCLUSÃO

Neste texto, intentamos demonstrar como esses instrumentos de comunicação externos à grande mídia podem ter funcionalidade contra-hegemônica; assim como os indivíduos e grupos socialmente marginalizados podem se organizar, utilizando não somente o espaço físico da cidade, mas também os espaços das redes sociais para o estabelecimento da luta pela democracia e combate a sistemas políticos que a cerceiam. Para tanto, o conhecimento sobre linguagens, formatos e funcionamento de cada plataforma digital é essencial. Em tempos de algoritmização de conteúdos e plataformação da vida cotidiana, faz-se necessário conhecer os mecanismos midiáticos que provocam, ainda que minimamente, um descompasso nos regimes que ameaçam a liberdade e a dignidade humanas.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó-SC: Argos, 2009.

AMADEU, Sérgio; ROVAI, Renato. **Como derrotar o fascismo**: em eleições e sempre. Um guia-manifesto para a organização coletiva e mobilização permanente em rede. São Paulo: Veneta; Hedra, 2022.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Trad.: Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'água, 1981.

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. 5ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 15ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2023.